



NOTAS SOBRE UMA PEDAGOGIA ANTIHETEROSSEXISTA: OS ATRAVESSAMENTOS DO HETEROSSEXISMO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Hárllen Éric Benevides de Castro (PPGELS / UNEB).

E-mail: harllencb171@gmail.com

Staela Rodrigues Porto dos Santos (PPGELS / UNEB)

Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Salgado Cunha (UESB e PPGELS / UNEB)

RESUMO

A manutenção esclarecida de uma formação docente estruturada por uma pedagogia heterossexista é uma realidade no Brasil que vem fundamentando lógicas e mecanismos de controle e segregação de toda e qualquer expressão da Diversidade Sexual dentro dos espaços educativos, sobretudo naqueles considerados formais, como a escola. Profissionais da educação permanecem materializando em suas práxis ideais cisheteronormativos e binárias de Gênero, que violentam os direitos e a dignidade humana de pessoas LGBTQIAPN+, garantindo a reprodução de uma educação bancária e antidemocrática, contrária àquela libertadora e emancipatória proposta por Paulo Freire. Isto posto, este estudo constrói notas reflexivas sobre a urgente necessidade do desenvolvimento de uma pedagogia Antiheterossexista, isto é, de uma formação e práxis docente que garanta os direitos de sujeitos com performances de identidade de gênero e/ou orientações sexuais desobedientes a uma educação Cisheteronormativa e higienista. Para tal, utilizou-se do método Revisão de Literatura, a fim de levantar bibliografias sobre a temática trabalhada para a fundamentação das discussões aqui promovidas. Concluímos que, profissionais da educação e instituições escolares, possuem grande importância para o enfrentamento de ideias heterossexistas não somente nos espaços institucionais de educação, mas em todo e qualquer contexto social, uma vez que a educação é vista como uma possível via para a (trans)gressão de estigmas e preconceitos contra a Diversidade Sexual dentro e fora destes ambientes. Aponta-se a promoção de uma educação democrática, que garanta a liberdade, a emancipação, a consciência crítica e a ação-reflexão humana para todas as pessoas, isto é, de modo equitativo e igualitário.

Palavras-chave: Educação libertadora. Formação docente. Diversidade Sexual. Antiheterossexismo.

INTRODUÇÃO

A manutenção esclarecida de uma formação docente estruturada por uma pedagogia heterossexista é uma realidade no Brasil que vem fundamentando lógicas e mecanismos de controle e segregação de toda e qualquer expressão da Diversidade Sexual dentro dos espaços educativos, sobretudo naqueles considerados formais, como a escola. Estes profissionais que, ao promoverem discussões dentro destes espaços formais de educação, reproduzem suas crenças, valores, ideias e interesses heterossexistas fundamentados por perspectivas cisheteronormativas e binárias de Gênero alicerçadas em saberes biomédicos e religiosos



(judaico-cristão) moralmente construídos e tomados como absolutos, que contrariam a diversidade sexual sócio-humana (Torres, 2010).

Consequentemente, aqueles que deveriam mediar um processo libertador e emancipador para os sujeitos inseridos a tal ambiente – como postulado por Freire (2009) – acabam por fazer o avesso, ferindo os direitos e dignidade humana daqueles que desobedecem tais normas hegemônicas e instaurando um fazer que busca padronizar e conformar, ou como salienta Louro (2022), educar corpos e corpos indesejados socialmente – como o de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e demais categorias representadas pelo “+” na sigla LGBTQIAPN+.

Diante disso, apontamos a emergência de questionar e (trans)gredir o modelo de educação heterossexista presente nas escolas, bem como a formação docente ainda pautada por esta lógica segregacionista – uma vez que os educadores e a escola teriam um papel central para a quebra de estigmas relacionados a comunidade LGBTQIAPN+ propagas nos ambientes educacionais e fora deles. Isto posto, esta pesquisa objetiva realizar algumas notas sobre a urgente necessidade do desenvolvimento de uma pedagogia antiheterossexista, isto é, de uma formação docente que garanta os direitos de sujeitos com performances de identidade de gênero e/ou orientações sexuais desobedientes a uma educação cisheteronormativa e higienista.

REFERENCIAL TEÓRICO

As formas de expressão de Identidade de Gênero e Orientações Sexuais se relacionam diretamente com a singularidade da experiência de vida de cada sujeito, e de sua relação dialética com o contexto sócio-histórico em que está imerso. Sendo assim, cada sujeito possui de elaborar diferentemente a sua compreensão sobre tais fenômenos ao longo do tempo. Dessa forma, pensar em expressões de Identidade de Gênero e de Orientações sexuais é também se deparar com a Diversidade Sexual, isto é, com o singular de cada sujeito (Torres, 2010).

Afirmar que a Diversidade Sexual está relacionada ao contexto sócio-histórico possibilita no reconhecimento de que, por sermos sujeitos imersos a uma configuração social estruturalmente LGBTQIAPN+fóbica e Heterossexista, reproduzimos formas de preconceito e estigmatização que violentam corpos LGBTQIAPN+ por consequência de ideias padronizadas pela Cisheteronorma.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas Sociais

16 a 19 de agosto

Tais ideias são fruto de discursos ocidentais, contrários à Diversidade Sexual, que definem socialmente o que deve ser aceito ou não em relação aos significantes Gênero e Sexualidade – o discurso médico e religioso. Os discursos hegemônicos efetivados pelo cristianismo e pelo saber médico, pautados por uma lógica heterossexista, tentam determinar, universalizar, que os sujeitos devem agir, pensar e sentir conforme o que é ditado pela cisheteronorma (Louro, 2022).

Nesse sentido, a Diversidade Sexual é compreendida como um desvio, uma desobediência ante uma norma, uma moral. Tal fato é chamado por Butler (2003) como matriz heterossexista. Diante disso, surgem mecanismos de controle, segundo Foucault (2003), sobre a sexualidade sócio-humana visando a padronização e/ou higienização destes corpos desviantes, percebidos pela sociedade e pelo CISTema como defeituosos e inadmissíveis.

É notório que tais crenças, guiadas por essa matriz Heterossexista, são tomadas em muitos dos casos como saberes absolutos. No entanto, estes não passariam de ideias violentas e estigmatizantes, que sustentam a manutenção de um CISTema e de uma sociedade segregacionista e violenta.

As escolas, por estarem imersas na arena social e as representações heterossexistas criadas sobre as questões de Gênero e Sexualidade pelo saber médico e religioso, acabam por se tornarem também instituições que reproduzem violências contra a Diversidade Sexual. Assim, as escolas, bem como os processos educativos, deixam de ser espaços que promovem a liberdade e emancipação aos sujeitos desobedientes a cisheteronorma e se tornam mecanismos que, como salienta Foucault (1987), vigiam e punem tais maneiras de existir, conformando os corpos pautados em perspectivas dominantes de mundo.

Percebe-se, então, que, por consequência da manutenção de discursos e práticas pautadas pelo heterossexismo, os ambientes escolares não conseguem modificar suas percepções e formas de lidar com as manifestações da Diversidade Sexual em seus espaços. Diante disso, nota-se a urgente necessidade de questionar e tensionar tal lógica neste contexto.

Para que isso ocorra, a participação dos educadores é fundamental uma vez que podem promover debates que rompem ideias heterossexistas na constituição de conceitos como Identidade de Gênero e Orientação Sexual nas escolas. Assim, pessoas LGBTQIAPN+, por exemplo, poderão expressar suas formas de existir com maior seguridade nestes ambientes. Mas, para que estes professores possam ter tal posicionamento, é preciso que estes possam

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas Públicas

16 a 19 de agosto

atravessar um processo de formação pautado por ideias antiheterossexista, isto é, que rompam com lógicas LGBTQIAPN+fóbicas pautadas pela ideia Binários e Gênero e pela cisheteronorma.

Para além disso, é de suma importância que o Estado assegure a laicidade dentro e fora das escolas para que os direitos e a dignidade humana de pessoas LGBTQIAPN+ não seja sucateada por ideias moralistas e religiosas, mas sim assegurada como previsto na constituição brasileira desde 1988. Somente assim, a escola poderá ser um ambiente democrático, isto é, um ambiente que promova a cidadania para todas as pessoas e não somente a parcela populacional condizente às normas heterossexistas.

METODOLOGIA

Para este estudo, utilizou-se o método de Revisão de Literatura, que, conforme Brizola e Fantin (2016), possibilita no levantamento bibliografias diversificadas por parte dos pesquisadores sobre a problemática pesquisada. Neste caso, o problema estudado neste trabalho está direcionado ao atravessamento do heterossexismo na formação docente.

Desse modo, realizou-se um processo de busca de artigos sobre a temática a partir do cruzamento de algumas palavras-chave, a saber: formação docente *and* heterossexismo; educação *and* LGBQIAPN+fobia; escola *and* heterossexismo; educação *and* diversidade sexual. A partir do qual, foram considerados materiais nacionais encontrados nas seguintes bases de dados: Google Acadêmico e Scielo. Ademais, para uma melhor fundamentação das discussões aqui elucidadas e do *corpus* teórico, foram utilizados também livros que abordavam o tema, e ainda, buscas manuais foram executadas no decorrer do processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensar em formação docente é sempre difícil, porque é uma temática muito conflituosa, visto que sempre se remete aos anos em que o aluno passa em um curso de licenciatura na graduação, todavia, é muito mais amplo do que isso. Trata-se de um processo contínuo que não acaba quando o educando recebe o título de educador e, também, não está condicionado às paredes da sala de aula.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

Freire (2020b) outrora refletiu que ninguém nasce feito, vamos nos fazendo aos poucos a partir da prática social a qual estamos inseridos, tal como ocorre na formação docente. Conforme o autor, às vezes, ou quase sempre, imaginamos a nossa trajetória profissional como uma referência exclusiva dos cursos acadêmicos, levando a uma compreensão equivocada de que não tem importância a nossa presença no mundo. “É como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada que ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer ao mundo ou com seu desamor à vida” (Freire, 2020b, p. 94).

As experiências ajudam a construir a formação docente e, conseqüentemente, o profissional educador, mesmo que elas não sejam advindas de espaços formais. Nesse sentido, faz-se necessário entender que a educação, de acordo Campos (2011), é um processo sociocultural cujas características e problemas somente podem ser compreendidos quando contextualizados historicamente, uma vez que se insere em uma sociedade concreta, alinhando às suas contradições. Por esse aspecto, “a educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição” (Freire, 2020a, p. 34).

Formação docente e educação estão diretamente relacionadas aos diferentes tipos de saberes, retornando-nos à concepção de prática libertadora idealizada por Freire (2009). Por essa perspectiva, para alcançá-la, é preciso abordar e discutir sobre a Diversidade Sexual, pois estamos inseridos em um espaço múltiplo, onde há Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e demais categorias representadas pelo “+” na sigla LGBTQIAPN+. Trata-se de pessoas que performam suas Identidades de Gênero e Orientações Sexuais fora do padrão Heterossexista, ideia de que, conforme Torres (2010), dita que somente a performance cisheterossexual é normal e aceitável na sociedade. Mas, negar a Diversidade Sexual, negar a existência de pessoas LGBTQIAPN+, é também negar as ideias libertadoras da educação. Ignorá-las nesse processo possui, gravemente, a mesma proporção do silenciamento social preconceituoso e normativo discutido pela diversidade de gênero.

Gênero, e sexualidade, segundo Louro (1997), são construções históricas e sociais que vão constituir as identidades dos sujeitos. Ao reconhecer o gênero como uma categoria, segundo Caetano, Lima e Castro (2019), percebe-se que algumas pessoas ora são privilegiadas ora

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas Sociais

16 a 19 de agosto

desfavorecidas na sociedade, sofrendo, em muitas situações, violência por expressarem as suas características, tais como estupros, assassinatos e a própria violência doméstica. Através disso, entende-se que “gênero, portanto, não é uma “ideologia”, mas, pelo contrário, um fator sociocultural de produção de desigualdades. E este fator sociocultural tem sido a causa de sofrimentos, mortes e consultórios psiquiátricos lotados” (Caetano; Lima; Castro, 2019, p. 7).

Por conseguinte, questiona-se facilmente como a educação pode abordar e discutir sobre essas relações de gênero e sexualidade em uma sociedade, via de regra, Heterossexista, entretanto, respondê-lo exige um pouco mais de esforço, uma vez que essa já é uma pauta existente. Gênero e sexualidade aparecem diariamente nos currículos escolares, mesmo que seja nos ocultos, ensinando o que é ser menina e menino ou planejando atividades direcionadas individualmente a eles como, por exemplo, bonecas para estas e futebol para estes. Nesse cenário, o que falta para a educação não é introduzir a temática, mas sim pensá-la e construí-la democraticamente, educando para o reconhecimento do direito à diferença (Caetano; Lima; Castro, 2019, p. 7-8).

Ainda em conformidade com Caetano, Lima e Castro (2019), “gênero é a aprendizagem que acontece nas relações socialmente produzidas entre homens e mulheres e destes entre si. Portanto, homens e mulheres aprendem a ser o que são na cultura em que estão inseridos” (p. 8). Seguindo essa Cisheteronormatividade, silenciar a diversidade sexual na educação, provocará naqueles que se identificam como LGBTQIAPN+, segundo Oliveira, Oliveira e Miranda (2012), isolamento, confusão e marginalização, porque esse padrão social traz a rejeição declarada ao que lhe é tido como estranho.

Nos pautamos numa perspectiva pedagógica libertadora que prioriza a liberdade e a autonomia dos sujeitos em processo de aprendizagem, possibilitando um desenvolvimento livre, protagonizado por cidadãs e cidadãos conscientes de seus lugares no mundo e com sua potência transformadora. Diante disso, é preciso romper as amarras geradas pelo heterossexismo nas escolas, e, pensar nesse rompimento é também ir de encontro com a formação docente – uma vez que são os educadores que poderiam promover, juntamente aos demais sujeitos inseridos a instituição escolar, debates sobre conceitos como gênero e sexualidade, para que assim haja uma possível quebra de discursos de ódio e práticas violentas contra identidades tão diversas. É preciso então, de uma formação docente antiheterossexista,



que vise assegurar a experiência sexual singular de cada sujeito, bem como os direitos e dignidade humana para pessoas LGBTQIAPN+ nos espaços educativos.

CONCLUSÃO

A partir do que foi posto, é possível aferir que o educador e a escola possuem papéis importantes no processo educativo formal, pois atuam, muitas vezes, para a manutenção de um sistema normativo pautado na lógica heterossexistas. Nessa, o binarismo de gênero (masculino e feminino) é quem determina como devem ser as características individuais das pessoas, deixando de fora todos aqueles que se identificam com LGBTQIAPN+, fundamentando a construção de uma pedagogia LGBTQIAPN+fóbica. Entretanto, essa é uma premissa de duas faces, já que também podem ser atuantes no exercício de uma educação libertadora, outrora idealizada por Paulo Freire.

Por essa perspectiva, é preciso romper e combater com as ideias heterossexistas não somente nos espaços de educação, mas todo e qualquer contexto social, visto que a educação, tida como libertadora e emancipadora, é um mecanismo para a (trans)gressão de estigmas e preconceitos contra a Diversidade Sexual dentro e fora desses ambientes. Portanto, esse trabalho buscou versar sobre o desenvolvimento de uma formação docente que possui como ideais o antiheterossexismo a fim de contribuir com uma educação democrática, que garanta a liberdade, a consciência crítica e a ação-reflexão humana por todas e para todas as pessoas de forma equitativa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, M.; LIMA, C. H. L.; CASTRO, A. M. Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 16, n. 3, p.5-16 jul/set 2019.



CAMPOS, Rui Ribeiro de. **Breve Histórico do Pensamento Geográfico Brasileiro nos Séculos XIX e XX**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 42ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020a. 110 p.

FREIRE, P. **Política e educação**. – 5ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b. 144 p.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. – 6ª ed. – Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, A. L. A. M. de.; OLIVEIRA, A. M.; MIRANDA, M. H. G. de. Os estudos sobre gênero e diversidade sexual e as proposições da pedagogia queer para constituição de contextos escolares emancipatórios. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 44, n. 30, p. 110-138, set./dez. 2012.

TORRES, M. A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Ouro Preto, MG: UFOP, 2010.